A CONCEPÇÃO DO TRABALHO NA UTOPIA LIBERTÁRIA DE WILLIAM MORRIS

THE DESIGN WORK IN UTOPIA LIBERTARIAN WILLIAM MORRIS

Rogério Bianchi de Araújo[1]

Resumo: William Morris (1834-1896) foi um grande escritor britânico do século XIX. Como um dos fundadores do movimento socialista na Inglaterra se solidarizava com as massas de trabalhadores da época. Nesses artigo o foco de análise recai sobre o seu romance utópico "Notícias de Lugar Nenhum", mais especificamente a concepção de trabalho do autor. Morris projeta uma sociedade futurista em que o trabalho deixaria de ser um fardo pesado para a maioria das pessoas e passa a ser uma atividade cotidiana e prazerosa como tantas outras. Atualmente, período em que a competitividade e produtividade intensas são nutridas como valores fundamentais do capitalismo, a ficção de Morris é de importância ímpar para projetar em nosso imaginário uma sociedade possível, ao mesmo tempo em que nos possibilita refletir criticamente sobre a nossa época consumista e neoliberal.
Palavras-Chave: trabalho, utopia, arte.

Abstract: William Morris (1834-1896) was a great British writer of the nineteenth century. As a founder of the socialist movement in England sympathized with the masses of workers of the time. These article the focus of analysis is on his utopian novel "News from Nowhere", more specifically the design work of the author. Morris casts a futuristic society in which the work would not be a burden for most people and becomes a daily and enjoyable activity like so many others. Currently, during the intense competitiveness and productivity are nourished as fundamental values of capitalism, the fiction Morris is unique importance in our imagination to design a possible society, while allowing us to critically reflect on our consumerist era and neoliberal.
Key-words: work, utopia, art.

[1] Doutor em Antropologia pela PUCSP. Atualmente é professor de Antropologia do Depto. de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão – UFG/CAC.

INTRODUÇÃO

Nesta comunicação analiso o romance utópico de William Morris, "Notícias de Lugar Nenhum", publicado na Inglaterra em 1891. Apesar de sua condição econômica privilegiada na Inglaterra da segunda metade do século XIX, Morris se solidarizava ativamente com a massa dos trabalhadores explorados pelo capital. Nesta obra, Morris trata de uma concepção dialética da relação entre o futuro pós-capitalista e o passado pré-capitalista. Sua concepção do socialismo estava elaborada a partir de sentimentos fortes, ideais intensamente vividos, legitimados pela cultura do anticapitalismo romântico. Entretanto, Morris encontrou em Marx uma concepção da história que permitia organizar seu próprio pensamento. Enquanto o trabalho fosse uma mercadoria usada em função do lucro proporcionado ao não-trabalhador, os seres humanos em geral não conseguiriam viver em condições efetivamente humanas.

No romance utópico de Morris, há uma proposição imaginária da Inglaterra do ano 2102, após a revolução socialista. O espírito libertário dessa utopia está ligado ao seu caráter de obra literária, aberta, pluridimensional, dialógica. Na sociedade utópica e libertária de Morris não há governo, sistema penal ou educacional e não existe mais comércio ou moeda. Todos têm prazer em trabalhar e possuem liberdade irrestrita. A intenção de Morris era a de comparar o modelo de sua época, que ele classificava de perverso e desigual, com uma nova sociedade em princípio perfeita.

O autor descreve com realismo uma sociedade justa e livre na qual máquinas permitem que os homens se libertem do trabalho tedioso e se dediquem a uma atividade livre, criadora e, sobretudo, prazerosa. Com o advento do avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, a obra de Morris passa por um processo de reavaliação da qual podemos repensar a época atual. Assim, sua utopia não se remete apenas para pensar o trabalho no século XIX, ela transcende esse período histórico ao nos remetermos à nossa própria realidade.

I. AS BASES DO PENSAMENTO MORRISIANO

William Morris (1834-1896) foi pintor, designer, poeta e reformador social. Foi expoente e protagonista do movimento *Arts and Crafts* na segunda metade do século XIX na Inglaterra, movimento que também se

disseminou na Europa continental e nos Estados Unidos. Como socialista apaixonado, Morris era contrário à arte para poucos, assim como a educação ou a liberdade para poucos. Desenvolveu o conceito de que a arte deveria ser ao mesmo tempo bela e funcional.

Ao associar arte e trabalho, Morris argumentava que a política para ser algo significante teria que enaltecer o trabalho pela arte, isto é, recuperar e reintroduzir a felicidade no trabalho. Toda a vida, portanto, poderia por meio do projeto estético de Morris, ser transformada em arte.

Desse modo, o perfeccionismo e exigência de Morris com o aprimoramento e a beleza desde cedo fora a linha condutora e a marca do utopismo de sua trajetória política. De forma alguma se contentava com a retórica de muitos intelectuais de sua época considerada por ele vazia.

O desejo de Morris e seus seguidores era que os valores das habilidades individuais dos artífices que não se encontram na produção industrial pudessem retornar. Morris já prognosticava o impacto no mundo do trabalho causado pela Revolução Industrial que deixaria ao léu o trabalho artesanal frente às novas exigências produtivas do sistema capitalista avançado.

A origem do socialismo de William Morris deriva da teoria estética de Ruskin[2], que ressaltava a alegria do artesão em realizar seu trabalho. Nessa perspectiva, vislumbrava-se uma sociedade justa que tinha como base a arte associada à vida cotidiana e a um trabalho recompensador para o indivíduo.

Morris criticava o abandono das tradições e o alto preço pago por essa atitude. Esse preço é traduzido pela "falta de sensibilidade ao ritual, a perda da capacidade artesanal, o egoísmo da vida moderna e a exploração do outro em nome do laissez-faire" (MENEGUELLO, 2008). Desse modo, é impossível separar na vida e na obra de Morris, os elos entre o socialismo libertário, a modernidade estética e o progresso técnico.

Acreditava que a revolução socialista viria por meio da estagnação da mecanização do trabalho e, consequentemente, reencontraríamos os espaços extraviados da sociabilidade pré-capitalista e do trabalho artesanal humanizante.

[2] John Ruskin foi um critico de arte inglês, que viveu no século XIX na Inglaterra vitoriana. A estética ruskiniana dá mais valor ao todo. Ela é o resultado de uma ética, ou seja, de um tipo particular de relacionamento, o da composição natural. A obra de Ruskin se preocupa com o ensino da visão, que segundo ele, visualiza uma concepção de lógica.

No artesanato comunitário de Morris é impossível acreditar que a humanidade possa conviver harmoniosamente com as máquinas que deveriam suprir todas as suas necessidades. Trabalho é arte e arte é vida. Esse é o projeto utópico e estético de Morris que fica claramente demonstrado em seu romance utópico "Notícias de Lugar Nenhum".

A proposta de Morris aproxima-se daquilo que Rancière (2005) elabora no seu texto "A Partilha do Sensível" em que a estética e a política caminham juntos. Para Morris a estética e o trabalho também traçam esses caminhos inseparáveis. A política para Rancière, assim como o trabalho para Morris, é essencialmente estética, ou seja, está fundada sobre o mundo sensível, assim como a expressão artística. Por isso um regime político no caso de Rancière ou um regime de trabalho para Morris, só pode ser democrático se incentivar a multiplicidade de manifestações dentro da comunidade.

II. SONHOS DIURNOS

Penso que o romance social de Morris é um exercício imagético daquilo que o filósofo marxista Ernst Bloch chamava de "sonhos diurnos". O que fascinou Ernst Bloch, pensador judeu-alemão falecido em 1977, foram os elementos imaginativos, os "sonhos diurnos" de todos nós e como eles tinham o poder de modelar o comportamento e a cultura dos homens. Filósofo de tendência marxista tratou de ressaltar o quanto a doutrina de Marx, ainda que produto histórico do iluminismo e da revolução industrial foi também herdeira dos movimentos cristão-milenaristas da Europa Ocidental.

A utopia de Bloch é ampla e genérica. É, por assim dizer, todo e qualquer pensamento maravilhoso que brota da mente humana. Pode ser a constituição de uma sociedade perfeita, arquitetura intelectual de uma infinidade de reformadores religiosos e de filósofos sociais, ou um simples desejo de que ocorram coisas melhores no futuro. Pode por igual surgir nos versos do poeta, no sonhar acordado de um Goethe, de um Klopstok, de um Hölderlin, ou ainda nos castelos no ar das histórias infantis e das aventuras de Karl May, e os tantos "sonhos diurnos" que nos acometem em diversos instantes ao longo da vida. É uma manifestação intelectual "do pressentimento da esperança", um quadro imaginário e impreciso do porvir, e que ao contrário de manifestar-se como uma inconsequente

fabulação, é fato fundamental na construção do futuro. O utópico encontra-se espalhado por todos os lados, não há uma só cultura conhecida que ignore a sua presença visto que se converteu numa "dimensão antropológica essencial". Uma sociedade sem utopia é tão impossível como a um ser humano não sonhar.

O sonho diurno é o sonhar para frente, quer dizer um sonhar carregado com conteúdos de consciência e com material proto-utópico que brota do interior do futuro. São conteúdos da consciência de algo futuro/vindouro e ao mesmo tempo, momentos desencadeadores de produtividade criadora. O "sonhar para frente" ainda não foi refletido. Há sonhos que adormecem e sonhos que acordam. A esperança, segundo Bloch, não aparece na história das ciências. Por isso, ele propõe entendê-la como um princípio que faz parte do processo do mundo enquanto o princípio utópico vai além, porque diz respeito à dignidade humana e à defesa que a filosofia deve ter a consciência do amanhã. Para Bloch, o que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários. O ser humano é visto como ser de pulsões que busca sua satisfação, e suas carências são sintomas de suas possibilidades ainda não realizadas.

Segundo Bloch (2005), a esperança é a mais humana de todas as emoções e acessível apenas a seres humanos, remete ao horizonte mais amplo e mais claro. A partir dessa premissa ele formula o conceito de sonhos diurnos que constituem uma etapa preliminar do utópico, cujo significado remete a um ainda-não-consciente. Nunca nos livramos dos desejos. A "mania de querer o melhor" continua presente no homem como motivo de despertar e de futuro. Mesmo de olhos abertos as pessoas sonham, mas isso infelizmente ainda não é muito valorizado. Os sonhos de uma vida melhor fazem parte do gigantesco campo da consciência utópica. O sonho diurno encontra-se na dimensão utópica e o interesse revolucionário é o reconhecimento de quanto o mundo poderia ser bom ou a construção de outro mundo possível. O mais próximo do pensamento utópico é sem dúvida o revolucionário social que luta para destruir as relações dominantes e construir novas no lugar, cuja característica básica consiste no divórcio entre o ideal e a realidade. Será utópico todo revolucionário que desconhecer a ideia de um período intermediário, que imaginar uma transformação social que introduza uma quebra na continuidade histórica, como substituição direta de relações más por boas. O pensamento utópico é, pois, entendido como o

grande motor das revoluções, no qual o real transcorre com um ainda-não nele contido. A esperança afoga a angústia, ela tem o conteúdo intencional do "ainda há salvação" no seu horizonte.

Ernst Bloch é sem dúvida um dos maiores pensadores da utopia no mundo contemporâneo. A partir de suas prerrogativas é possível identificar em Williams Morris um grande utopista libertário do século XIX, tanto nos seus princípios políticos e estéticos quanto nas suas posturas perante a vida. Suas tarefas como designer jamais se distanciaram das suas proposições utópicas como é demonstrado magistralmente no romance "Notícias de Lugar Nenhum", objeto de análise desta comunicação e uma grande obra de referência de nossos sonhos diurnos

III. O ROMANCE UTÓPICO DE MORRIS

Na literatura, no romance e na poesia em geral encontramos a dimensão humana subjetiva e afetiva que não existe nas ciências. Ela nos ensina a conhecer melhor o outro enquanto a poesia é uma introdução à qualidade poética da vida que nos ajuda a entender que se nos emocionamos com poemas é porque fala de nossas esperanças, de nossas verdades profundas, é dizer que o conhecimento não se encontra só nas ciências. A literatura é uma escola de vida, uma escola do entendimento humano, e a escola da complexidade humana. Levemos em conta os romances históricos do século XIX, bem como os de nossa época. Eles têm essa superioridade sobre as ciências humanas por nos mostrarem seres que são sujeitos que sentem, pensam e vivem, enquanto as ciências humanas "destroem" o sujeito, a individualidade. A poesia é uma escola para a qualidade poética da vida e a escola do entendimento, porque quando lemos notícias criminais cotidianas nos jornais, para nós, criminosos são criminosos e os rejeitamos, mas ao vermos esses personagens nos romances, como o Raskolnikóv (protagonista de *Crime e Castigo*, é um estudante miserável que mora em São Petersburgo, num pequeno quarto alugado, e um dia mata sua avarenta senhoria), em *Crime e Castigo (2002)*, de Dostoievski, nos damos conta de que é algo complexo e que esse indivíduo pode se redimir caso encontre as pessoas que o ajudem. Portanto, a literatura é a escola do entendimento da vida, algo muito importante se aliada às outras chamadas ciências humanas. É um erro limitar a literatura unicamente às

estruturas narrativas, à semiologia, às técnicas.

Muitas incompreensões dominam o mundo. Como imaginar que vamos progredir se não educamos a compreensão? A literatura registra de modo muito especial as imaginações de um modo de vida social sem desigualdades, pela ordem ou na liberdade. A história literária das utopias, sobretudo na modernidade, é uma história rica e nada inócua, cheia de criatividade positiva, que tem ligação muito estreita com a realidade moderna, posta em contínuo movimento, atrás da realização da utópica ideia de progresso, com o que este contém de processo de mudança, avanço científico-tecnológico, mas também de promessa de mais felicidade.

Como objeto de estudo desta condição fomentada pela literatura recorro ao romance *Notícias de Lugar Nenhum – Ou Uma Época de Tranquilidade,* publicado por William Morris (1834-1896) em 1891. O lugar de que fala seu autor, existe no espaço – a Inglaterra – e no tempo – início do século 22, mais precisamente no ano de 2102, após a revolução socialista. O *lugar nenhum* fica por conta da comparação obrigatória, que percorre toda a obra, com o mesmo lugar, no industrioso, "progressista", poluído e "selvagem" século 19. Tudo o que se projetava parecia um sonho, um sonho ainda muito longe, no tempo, da realidade.

Um militante, depois de uma reunião partidária pela Liga Socialista, dorme e acorda mais de duzentos anos depois. O mundo mudara, muito mais do que ele seria capaz de imaginar: as coisas funcionam, as diferenças entre as classes sociais foram abolidas, as pessoas são felizes e vivem muito mais, ultrapassam com facilidade as barreiras dos cem anos, não por conta de avanços técnicos, mas justamente porque têm de trabalhar apenas na medida em que desejam.

Morris imagina uma sociedade igualitária e livre, na qual a produção terá novamente um caráter artesanal, o tempo se desacelerará. Os indivíduos serão finalmente libertados das tarefas entediantes e alienantes. Ficarão livres para atividades criativas e prazerosas. Obrigações e coerções são reduzidas ao mínimo e cada um é livre para seguir seu próprio caminho.

A proposta de Morris é contar a história em primeira pessoa referindo-se ao que se passa com um personagem que acorda num ambiente utópico jamais imaginado. O objetivo desta comunicação é destacar como as pessoas exercem suas atividades de trabalho no romance do autor no ambiente utópico do século XXII.

A narrativa se desenvolve na cidade de Hammersmith, cidade natal do próprio Morris. Ao acordar, nosso narrador se depara com um barqueiro que está a lhe esperar. Para sua surpresa, o barqueiro aparenta ser um belo jovem, com ar amistoso e simpático. Por que estaria um jovem másculo e refinado a brincar de barqueiro? As aparências do trabalhador nesta utopia são totalmente destoantes daquelas as quais estamos acostumados, em que as profissões menos valorizadas tendem a ser exercidas por indivíduos sofridos, extenuados e com olhar distante.

Navegar por um rio Tâmisa limpo, com peixes em abundância era algo inimaginável. Não na utopia de Morris. O narrador percebe que a fábrica de sabão, a oficina de engenharia e a indústria de chumbo não fazem mais parte do cenário às margens do rio. Onde estaria o som dos rebites e martelos que não se ouviam mais?

Quando chega ao seu destino o nosso narrador/personagem acreditava que o barqueiro quisesse uma recompensa, pensou até mesmo em contratá-lo como guia por alguns dias para conhecer melhor a ilha da utopia. Para o barqueiro, não havia nada mais tortuoso do que esse costume de prestar um serviço e ter a obrigação de receber algo em troca. Achava engraçada a ideia de que pudesse ser pago por seu trabalho. O próprio barqueiro acabou por se oferecer a ser o guia para nosso personagem porque assim daria oportunidade de seu posto ser ocupado por um amigo que tinha como desejo trabalhar ao ar livre. Além disso, o barqueiro havia prometido ajudar alguns amigos rio acima na colheita de feno.

O hábito da dádiva, nos moldes do que nos fala Marcel Mauss (2003) no sentido do dar, receber, retribuir, já estava enraizado nesta sociedade utópica. A troca jamais poderia ser realizada monetariamente, este era um fato inconcebível nesta utopia, mas as gentilezas se alastravam de forma naturalmente consolidada. A solidariedade manifestada nestas trocas constantes de ajudas mútuas configura-se como uma ética universalmente estabelecida, o que nos parece em nossa sociedade atual uma conquista ainda longínqua. Numa passagem do romance justifica-se essa postura com a afirmação de que se envelhece mais ligeiro quando se vive entre gente infeliz.

No terceiro capítulo do romance, descobrimos o nome do alter-ego de Morris. O personagem responde pela alcunha de William Guest. Guest toma con-

tato com alguns outros trabalhadores que, aos nossos olhos e sob a ótica do sistema capitalista, são, de certa forma, desvalorizados. O tecelão que se identifica como um leitor voraz critica o que leu a respeito do século XIX e a estupidez da época em que se desprezava qualquer um que usasse as mãos em seus trabalhos. Sem dúvida, refere-se à revolução industrial e ao desenvolvimento da lógica cientificista em que o trabalho intelectual ficou sobrevalorizado em relação ao trabalho manual. Por sua vez, o lixeiro acumula a tarefa de escritor, o que, para nós, esse fato carregaria um grau de estranhamento tão elevado que teríamos contato por meio de uma reportagem midiática, em que seria exaltado o exotismo de tal situação.

Guest estranha o fato de não avistar pessoas pobres e nem rudes nos arredores do mercado da cidade. Estamos acostumados e já faz parte da paisagem, deste o século XIX, ter próximo aos ambientes de grande circulação de mercadorias e comércio, a presença insistente de pedintes, mendigos e outras personas *non grata*, isto é, a escória das sociedades industriais e capitalistas.

As crianças gostavam de imitar os mais velhos. Os afazeres dos mais velhos são considerados por elas atividades prazerosas tais como: a construção de casas ou a pavimentação de ruas ou os serviços de jardinagem e outras coisas semelhantes. Por isso, o povo não acreditava que teriam um número excessivo de eruditos, embora acreditassem ser muito bom ver pessoas felizes por realizar um trabalho pelo qual pouca gente se interessa. Há aqui uma desconstrução do qual se alimentou simbolicamente o sistema capitalista, ou seja, a distinção entre a cultura erudita e a cultura popular ou a cultura de massa. Desfaz-se de vez o que Bourdieu (2003) chamou de violência simbólica, em que uma classe através de simbologia própria exerce e legitima um poder sobre as classes desfavorecidas.

Há no romance de Morris uma exibição de moralidade comercial extinta. Não se precisava pagar pelos produtos do mercado. O fato é que os indivíduos eram movidos pelo prazer em servir. Os próprios meninos gostavam de brincar de comércio porque nesta atividade trabalha-se com muitas coisas diferentes, e, além disso, o trabalho é relativamente fácil.

O que Guest entendia como fábricas, nas cidades eram chamadas de oficinas grupais, ou seja, lugares onde se reúnem as pessoas que gostam de trabalhar juntas. Os trabalhos são manuais, sem o uso da ener-

gia, e muito prazerosos. Nada é feito de forma industrializada. Numa lógica em que a produtividade e a busca da mais-valia estão ausentes não há porque uma aceleração e produção em massa de mercadorias. Consequentemente os indivíduos podem de fato realizar a proposição marxiana da infraestrutura e da superestrutura no sentido mais igualitário possível. Segundo a sociologia marxista, a superestrutura (formação das ideias e conceitos) é determinada pela infraestrutura (meios de produção e força-de-trabalho), ou seja, a maneira na qual a economia de uma sociedade é organizada irá influenciar nas ideologias presentes na sociedade. Numa sociedade em que o trabalho é prazeroso e satisfaz a todos, consequentemente as ideias em comum são fortalecidas e a solidariedade e companheirismo se estabelece de maneira legítima.

Não se dissocia na utopia de Morris o trabalho do prazer. Trabalha-se muito, mas gosta-se do trabalho. Até mesmo um grupo de homens que consertam uma estrada veem aspectos positivos nesta atividade, afinal o trabalho com a picareta é visto como excelente para enrijecer os músculos.

A prerrogativa para a constituição do romance utópico de Morris é que "o sagrado direito de propriedade" já não existe mais. Aqui se manifesta a herança da filosofia rousseauniana para a qual toda desigualdade se baseia na noção de propriedade particular criado pelo homem e o sentimento de insegurança com relação aos demais seres humanos. Ao se abolir a propriedade privada, também se abole a orientação de que um indivíduo pode ser superior ao outro segundo suas aptidões meritocráticas. Isso é um marco tão importante neste espaço-temporal utópico que uma vez por ano, mais precisamente no mês de maio, comemora-se o dia do Fim da Miséria.

Outra dicotomia clássica produzida pelo sistema capitalista se dizime na utopia de Morris: acaba-se de vez com a distinção campo-cidade, assim como a distinção entre o trabalhador do campo e o da cidade. Os subúrbios, quando existiam, fundiam-se com o campo. Numa passagem do romance isso é evidenciado.

> "A cidade invadiu o campo, mas os invasores, assim como os invasores guerreiros de outro tempo, cederam à influência do ambiente e se transformaram em gente do campo. E quando se tornaram mais numerosos do que a gente da cidade influenciaram estes últimos, assim a diferença entre cidade e campo se reduziu cada vez mais. De fato, foi esse mundo do campo

> vivificado pelo pensamento e pela vivacidade do povo da cidade que produziu essa vida feliz e descuidada, mas agitada de que você acabou de ter o primeiro gosto" (MORRIS, 105).

Um mandamento cristão se modifica substancialmente no romance utópico de Morris. O "não roubarás" teve de se transformar em "trabalharás para ser feliz". A recompensa pelo trabalho é a própria vida.

Em todo momento no romance é clara a crítica ao século XIX. O homem do século XIX diria que existe um desejo natural de procriar, assim como existe um desejo natural de não trabalhar. Mas, o fato é que na utopia do século XXII, o trabalho de transformou num hábito prazeroso.

A questão é que, para Morris, na última era da civilização, os homens caíram num círculo vicioso na questão da produção de bens. Criaram o Mercado Mundial em conjunto com uma série de necessidades falsas ou artificiais. O barateamento da produção teve um alto custo humano quando faz um esforço incessante para despender a menor quantidade possível de trabalho na produção de qualquer artigo, produzindo ainda assim e ao mesmo tempo, a maior quantidade de artigos possível. Produz-se muito, com a menor mão-de-obra possível para mercados consumidores que precisam se apropriar dos bens de consumo para a máquina financeira não parar de funcionar. O que ocorre é que as máquinas, para baratear o trabalho, resultaram simplesmente no aumento de carga de trabalho e no aumento do que Marx chamava de exército industrial de reserva (desempregados). Os produtos são feitos para vender, não para usar.

O contraponto no romance de Morris, é que no mercado utópico não se compra nem se vende. Os artigos são feitos por serem necessários. Tudo que é feito é bom e perfeitamente adaptado ao seu objetivo. É para ser usado, portanto, não se fazem artigos inferiores. As pessoas sabem o que querem, por isso não tem motivo para fazer mais do que o que precisam. É o fim do acúmulo de capital. Desta forma, todo o trabalho cansativo para ser feito à mão é feito por máquinas muito aperfeiçoadas e todo trabalho manual prazeroso é feito sem as máquinas. Não há dificuldade em se encontrar o trabalho que se ajuste às aptidões, vocações e interesses de alguém, e assim homem nenhum é sacrificado às necessidades de outro. De tempo em tempos, quando certo trabalho é desagradável ou problemático, ele é abandonado e fica-se sem a coisa produzida por ele.

Em suma, todo trabalho que os indivíduos fazem é um exercício de corpo e mente agradável de ser feito. Em vez de evitar o trabalho, todos o procuram. Cada um tem interesse em tornar seu próprio trabalho cada vez mais agradável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o contexto da obra literária de Morris esteja na Inglaterra do século XIX, é impossível ler seu romance sem fazer as relações com a contemporaneidade. Afinal, elementos como o trabalho, a solidariedade, família, amizades e outras relações sociais são transcendentes a qualquer época histórica. São elementos comuns a qualquer sociedade humana, levando-se em conta as suas especificidades culturais. Hoje ficamos chocados pelo quanto estamos nos distanciando de uma sociedade harmoniosa. Parecemo-nos imersos numa época de tremenda resignação e apatia social. Um romance utópico como o de Morris é necessário para trazer a alteridade de outro mundo possível e nos tirar da letargia imagética de nossas convicções.

Assim como Morris em sua época, precisamos ficar perplexos frente aos adventos da intensa modernização e aos efeitos da tecnociência e seus impactos socioambientais. Sentimos falta do espírito inquieto e utópico de pensadores como Morris. A preocupação de Morris com a industrialização e as consequências nefastas desta na constituição do tecido social de sua época, não é muito diferente de nossas preocupações contemporâneas, com o peso de que nossa época é mais letal devido ao crescente desenvolvimento de tecnologias avançadas desde o século XIX e o crescimento de nosso poder de autodestruição. O espírito utópico morrisiano parece hoje dar lugar a uma espécie de espírito distópico. Produz-se em grande quantidade, sobretudo no cinema, obras com imaginário distópico as quais retratam futuros apocalípticos que são consequência do uso desmedido da tecnologia, da ganância do sistema de relações capitalistas, do individualismo e do egocentrismo humano.

É importante destacar também que Morris aparece como um precursor da utopia ecológica ao imaginar uma sociedade sem cidades poluídas, nas quais as casas estão rodeadas de espaços verdes e onde os bosques e as florestas substituiriam os quarteirões decrépitos e insalubres da Londres de 1890. Assim, os grandes aglomerados urbanos seriam substituídos por

pequenas comunidades, onde os objetos de utilidade seriam produzidos por processos artesanais que visavam suprir as necessidades dos indivíduos.

Nesse quesito, assim como Morris quis reafirmar a primazia da qualidade do trabalho manual sobre a máquina industrial da era do Imperialismo, também podemos presenciar movimentos semelhantes como o advento da agroecologia, por exemplo, que se contrapõe a toda à força do agronegócio contemporâneo. Existem outras várias ações similares em vários segmentos da sociedade, mas que são ainda incipientes. Por outro lado, isso nos permite dizer que as utopias não acabaram e talvez jamais acabem.

Proposições utópicas não morrem, elas apenas se inserem em novos contextos históricos e sociais. Mas elas precisam desse referencial literário para se auto afirmar. O desafio colocado desde Morris é fomentarmos a imaginação para ambientes utópicos contraventores de ordens, normas, regras e regulamentações que apenas aparenta nos proteger, mas que no fundo são elas que nos oprime.

NOTAS

[2] Em 1883 Morris fundou a Federação Socialdemocrata, e mais tarde, a Liga Socialista, tentando contrariar com a sua política utopista a orientação marxista do movimento operário dos fins do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V1.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DOSTOIEVSKI, Fiodor M. *Crime e Castigo*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2002.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MORRIS, William. *Notícias de Lugar Nenhum: ou uma época de tranquilidade.* Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.